

“As pessoas” somos nós
pequenos jogos de ilusão
glitters requintados e jargão
fruta feia com buracos:
a humanidade entra dentro
da casca puritana e faz-nos
no núcleo, ainda
o que sempre fomos

em cada estilhaço de vidro
uma realidade refractada

um reflexo incógnito nas partes
esquia-se do golpe identitário
num ringue quotidiano
onde luzes brilham
delimitando
teatros do olhar

nem das árvores nem da terra
veio jamais alguma coisa sem pó
sem mazela, macerada, podre,
abaulada, siamesa, magricela

nem por isso faltou na mesa de jantar
sumo fresco ou salada pra manjar

O que não presta para o balde
cães, patos ou galinhas, alguém há de apreciar
e aquilo que solução já não tem –
partes matreiras e disformes
inveja e sadismo que transborde
de vingança e crueldade enormes –
que venham adentro
tratamo-las como de costume:
junta calor e umidade, que dá bom estrume

